

PROJETO PEDAGÓGICO

# O MENINO QUADRADINHO



Rua Tito, 479 – Lapa – São Paulo – SP  
CEP 05051-000

DIVULGAÇÃO ESCOLAR

(11) 3874-0884

[divulga@melhoramentos.com.br](mailto:divulga@melhoramentos.com.br)

[www.editoramelhoramentos.com.br](http://www.editoramelhoramentos.com.br)  
[www.facebook.com/melhoramentos](http://www.facebook.com/melhoramentos)



## O Autor

Ziraldo Alves Pinto é um dos autores mais amados por crianças e adultos. Sua irreverência e inventividade aproximam os leitores de sua obra, o que o torna um escritor especial na literatura infantil e juvenil brasileira.

Suas histórias são maravilhosas e sempre nos levam a enxergar o mundo sob outros pontos de vista, levantando aspectos surpreendentes que redimensionam nosso modo de encarar a vida. Dessas obras, salientamos *Flicts*, *O Menino Maluquinho*, *A Bela Borboleta*, os livros das coleções *Corpim* e *ABZ*, *O Bichinho da Maçã*, *Menina Nina*, *Duas Razões para Não Chorar* e *A Turma do Pererê*.

Mineiro de Caratinga, Ziraldo, além de escrever, envolveu-se com muitas outras atividades, fez muitos amigos e deixou sua marca por onde passou: desenhista de humor, cartunista, jornalista, advogado, autor teatral, publicitário, humorista político... Usufruir o talento e o fazer literário em suas histórias é um presente para todos. ■

## Resenha

A obra *O Menino Quadrado* traz a história de um garoto que se encanta pelo gibi e é tragado por ele por meio de suas cores, mistérios, heróis e personagens. O menino vive por ali, entre um quadrado e outro, achando que já experimentou o suficiente para ser feliz, até que um dia encontra o valor e o mistério da palavra – uma descoberta fantástica que abre portas para outros mundos. A palavra é algo precioso que redimensiona o ser humano, pois, como diz o autor, é “lavra e pá. A primeira é ouro, é pedra preciosa, é mina: lavra. A segunda é o instrumento, a ferramenta: pá. A palavra é, pois, mina e ferramenta ao mesmo tempo, palavra!” (p. 24).

A descoberta e o conhecimento dessa ferramenta, a palavra, levam o menino a crescer, a mudar de fase, despertando-o para outros prazeres e experiências fantásticas que a vida lhe preparou. ■

## Ficha

**Autor:** Ziraldo

**Título:** O Menino Quadrado

**Ilustrador:** Ziraldo

**Formato:** 20,5 x 26 cm

**Nº de páginas:** 32

**Elaboração:** Shirley Bragança

## Quadro sinóptico

**Tema principal:** História em quadrados

**Tema transversal:** Ética e pluralidade cultural

**Interdisciplinaridade:** Artes, Matemática e Literatura

INDICAÇÃO:  
Leitor  
fluyente  
a partir dos

10  
anos  
ensino  
fundamental

## Conversa com o professor

Ziraldo apresenta para o leitor a história de um menino que vive na era da comunicação pela imagem, que pode, muitas vezes, substituir a palavra. A narrativa revela metaforicamente a passagem da infância para a adolescência sob um olhar fotográfico/cinematográfico/televisivo, utilizando a “técnica dos quadrinhos ou *comics*, multiplicando os ‘truques’ gráficos para construir uma narrativa fragmentada e dinâmica, onde se alternam os closes cinematográficos, na ótica *pop art* e similares” (COELHO, 2006). A interação desses recursos estéticos e gráficos abre espaço para múltiplas leituras, que dialogam com várias histórias, inclusive com os quadrinhos de Andy Warhol.

Nos primeiros quadrinhos, as imagens figurativas de um cachorro e de objetos causam certo suspense no leitor, levando-o a fazer inferências sobre a quem pertenceriam tais coisas. Em seguida, o leitor sintetiza as informações recebidas nas imagens e verifica que todas elas estão relacionadas ao universo de um menino. Na página seguinte, sua análise é confirmada, uma vez que lhe é apresentado o personagem dividido em quadradinhos. Com a onomatopeia ZAP, surge o menino, que, então, apresenta ao leitor seu universo e todos os personagens que dele fazem parte.

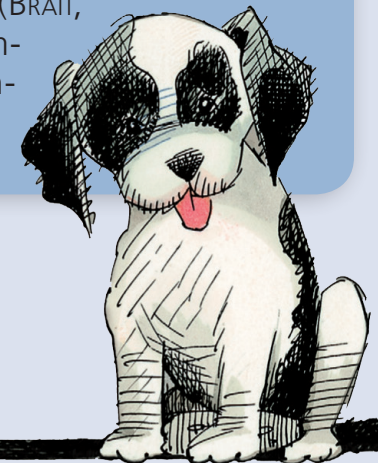
No decorrer da narrativa, o garoto convida o leitor a experimentar, com ele, a passagem da infância para a adolescência por meio do “corpo gráfico da escrita (que cobre literalmente o espaço branco da página) e vai diminuindo de tamanho, mostrando visualmente o aprofundamento gradativo do menino no mundo da cultura que a palavra instaura e comunica aos que aprendem a morar em seu mundo” (COELHO, 2006).

*Desta vez o menino não entendeu o que as palavras estavam dizendo. Agora, eram elas é que iam de ter paciência com ele, tadinho, que havia acordado do lado de fora da sua infância (p. 25).*

Essa transição (da infância, em que a ação é realizada de forma prática, para a adolescência, em que a pessoa, além de ser capaz de realizá-la, analisa os conceitos envolvidos na tarefa) gera no menino desconforto e medo, porque, em certos momentos, ele não sente pertencer àquele universo, o que o leva ao questionamento: “Conviver no conforto do espaço que domino ou abandoná-lo e me deixar seduzir pela aventura?”. Esse conflito se intensifica ainda mais à medida que seu desejo é instigado a experimentar o novo e outros modos de viver.

O desafio é grande, mas o menino quadradinho aceita e tece sua história tentando entender o encaixe das peças desse quebra-cabeça, dialogando com a visão pura da fantasia que existe dentro dele e os diferentes mundos apresentados pela palavra, a realidade. A construção dessa identidade se dá pela crescente interação com a diversidade desses mundos, em forma de espiral, que, de certo modo, empurra-o para fora, o que favorece a visão sobre si mesmo e sobre as coisas que o cercam, redimensionando-as.

Ziraldo constrói essa trajetória de transição por meio da interdiscursividade, colocando o leitor em contato com outros textos – *Emília no País da Gramática*, *Dom Quixote*, *Peter Pan* e a *Bíblia* –, mostrando que a narrativa de *O Menino Quadradinho*, além de obedecer à lógica do crescimento humano, é polifônica, ou seja, nela “os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever” (BRAIT, 2005, p. 34), ampliando a semântica do texto.

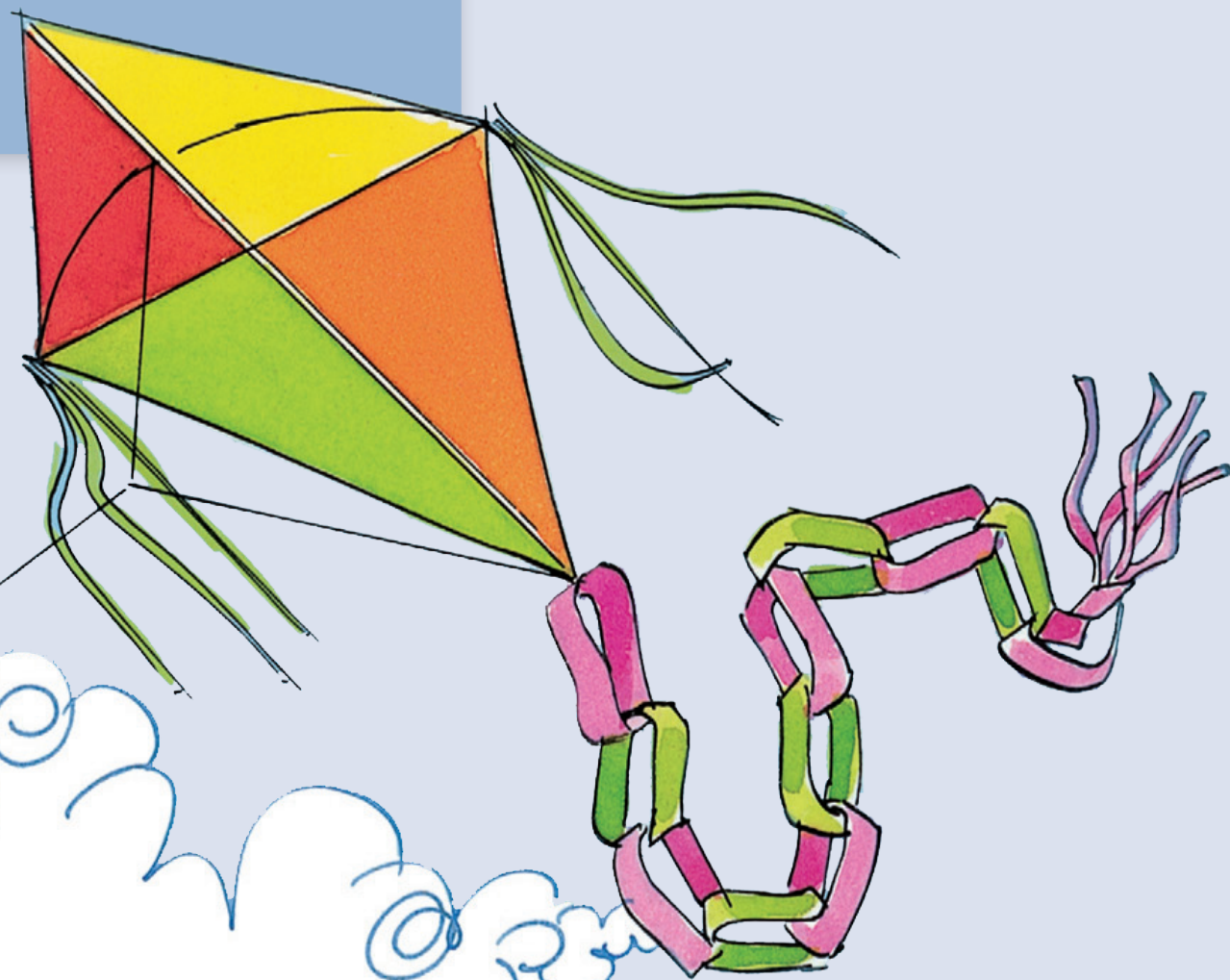


“Etcétera achou que, já que o menino vivia numa história em quadrinhos, ele devia conhecer todas as lendas e todos os heróis. Por isso, ele falou: ‘Escuta aqui, Seo Peter Pan, está com medo de crescer, é?’” (p. 27).

“– Porque ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe sobre o que eu havia de ser quando crescesse. Ora, eu não queria crescer. Não queria nem quero nunca virar homem grande, de bigodeira na cara feito taturana. Muito melhor ficar menino, não acha? Por isso fugi e fui viver com as fadas” (LOBATO, 1987).

Cabe ao leitor identificar as diversas vozes discursivas na narrativa, com base nas pistas e indicações linguísticas que lhe são oferecidas, para que o sentido da história seja ampliado, pois o texto é uma unidade significativa que se atualiza na leitura, por um leitor instruído no próprio texto, capaz de reconstruir o universo nele representado. É esse movimento da leitura, esse trabalho de elaboração de sentidos pelo leitor que dá concretude ao texto.

Realizar esse tipo de exercício com os alunos é uma maneira de “fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS, 2001) com autonomia para construir suas trilhas de leitura. ■



## Ampliando o tema

As histórias em quadrinhos (HQs) surgiram com o progresso técnico proporcionado pela Revolução Industrial, que permitiu a impressão e a distribuição de revistas em larga escala. As primeiras HQs foram publicadas nos jornais, em tiras, com o intuito de ampliar a clientela de leitores adultos, mas o público que mais aderiu ao gênero foi o infantil, que até hoje se diverte com essas histórias.

Por volta dos anos 1930, as HQs passaram a ser impressas em revistas exclusivas, tornando conhecidos, em todo o mundo, os heróis norte-americanos. No Brasil, a primeira revista em quadrinhos dedicada às crianças foi *O Tico-Tico*, surgida em 1905. A essa publicação seguiram-se várias outras, como *Gibi*, lançada em 1938, no Rio de Janeiro, com grande aceitação entre as crianças e os adolescentes, cujo nome se tornou sinônimo desse suporte textual. O significado mais antigo de gibi é “moleque”.

Na década de 1960, os quadrinhos ganharam excelentes artistas, como Ziraldo, Mauricio de Sousa, Henfil e Luis Fernando Verissimo, e, com eles, muitos personagens maravilhosos e divertidos. Hoje contamos com uma infinidade de revistas em quadrinhos, autores e sites especializados que ampliam o universo

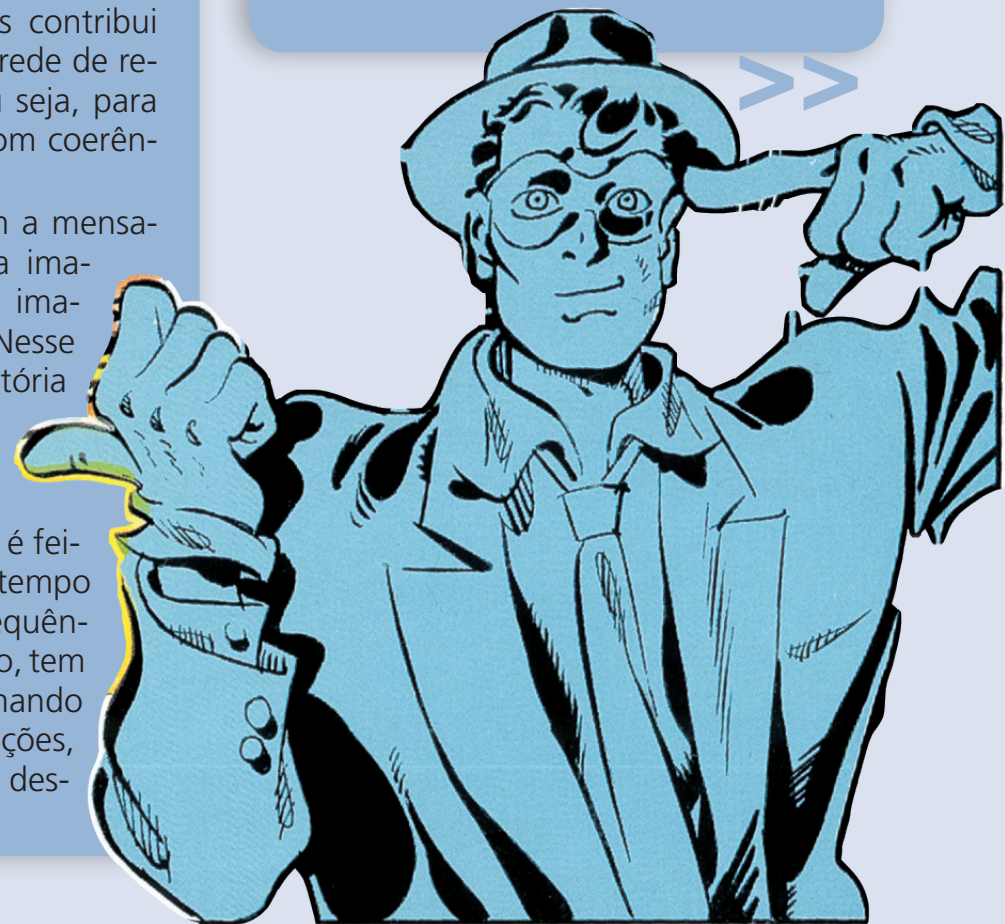
dessas histórias, trazendo personagens, assuntos e temas diversos.

Para elaborar HQs, esses artistas gráficos usam uma variedade de recursos e artifícios, como enquadramento, perspectiva, efeitos de luz e sombra, movimento, expressões faciais e corporais, que seduzem o leitor e evitam a monotonia. Eles também exploram outros elementos que compõem o gênero, que são os sinais gráficos, os balões e os traços indicadores de movimento. A disposição desses recursos gráfico-visuais nas histórias contribui para a construção de uma rede de relações lógicas no texto, ou seja, para uma sequência narrativa com coerência e coesão textual.

Algumas HQs comunicam a mensagem narrativa apenas pela imagem; outras, por meio da imagem e do texto verbal. Nesse caso, dizemos que a história tem um código imagético-linguístico que compõe seu sentido.

A ordenação dos quadros é feita por meio de marcas de tempo e espaço, de causa e consequência. Essa sequência, portanto, tem implicação narrativa, informando a ordem cronológica das ações, das falas e dos diálogos. É des-

se modo que surge a oportunidade da leitura ativa: quem lê usa a imaginação para preencher os espaços vazios que aparecem intercalando os quadrinhos. O leitor cria imagens mentais de ligação que garantem a continuidade da história. O tempo entre a leitura de um quadro e outro é o momento durante o qual o leitor controla a ação, agindo como uma câmera em movimento. Dessa forma, ele participa como coautor da construção do sentido do texto.

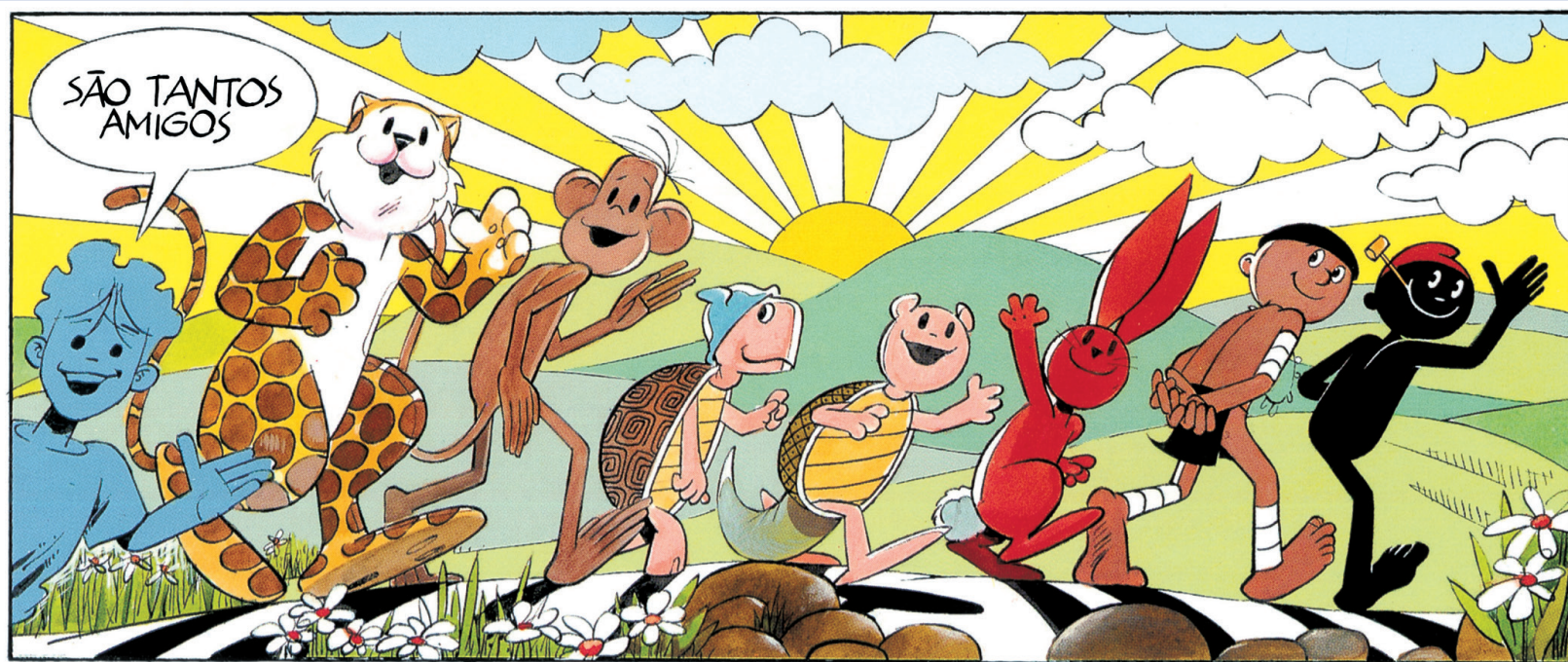




O roteirista, desenhista ou quadrinista devem passar uma quantidade suficiente de informações sobre o momento da ação que querem sugerir. Além disso, precisam articular essas informações com outras, dos momentos anteriores e posteriores, para que o leitor possa elaborar adequadamente a continuidade narrativa. Essa construção se faz ainda que o narrador esteja ausente do texto. Mas, caso o autor queira a participação do narrador, sua voz será manifestada no texto por meio da legenda, espécie de orientação que o narrador passa ao leitor

para conferir e ampliar o sentido das imagens e dos textos dos balões. As legendas aparecem encaixadas nos quadrinhos, posicionadas em cima, embaixo ou nos lados.

Na obra *O Menino Quadrado*, de Ziraldo, professor e alunos terão a oportunidade de explorar vários desses elementos, o que ampliará a compreensão do fazer literário desse grande autor. Por meio da análise do livro e da exploração do tema "histórias em quadrinhos", os alunos terão mais segurança para elaborar suas histórias e produzir textos significativos. ■



## Preparando a leitura

1. Traga para a sala de aula gibis, charges e tirinhas de jornal. Mostre os gibis aos alunos. Pergunte a eles quais são seus gibis prediletos e quais seus super-heróis favoritos. Comente curiosidades sobre os gibis (veja seção "Quer saber mais?") ou sobre a biografia de algum super-herói. Em seguida, apresente as tirinhas de jornal e as charges. Estabeleça, com os alunos, as diferenças e as semelhanças entre esses gêneros textuais.
2. Compare os gibis da Turma da Mônica criança e jovem. O que mudou nos personagens? Os temas das histórias são os mesmos? Amplie essas observações promovendo uma discussão em sala, trazendo-as para o universo dos alunos. Que transformações estão acontecendo no corpo deles? A que desenhos animados preferiam assistir quando tinham entre seis e oito anos? E hoje, são os mesmos? Qual a opinião deles sobre os desenhos da infância? Como são construídos os diálogos nesses desenhos? Quais eram seus passatempos nessa fase? E agora, o que eles mais gostam de ler e de fazer para se divertir? Por que todas essas mudanças? Como eles se sentem?

3. Os alunos já ouviram muitas histórias de contos de fada. Relembre com eles uma delas, lendo a história. Em seguida, escolha mais duas e faça um "coquetel" dessas histórias, destacando o fato de todas elas terem uma floresta como cenário. Peça aos alunos que imaginem uma floresta à noite. Como se sentiriam perdidos em um lugar como esse? O menino quadrado está confuso, como se estivesse perdido em uma floresta, assim como nos contos de fada ("Em que negra floresta me perdi?", p. 21). Levante hipóteses com os alunos sobre possíveis razões que levam uma pessoa a se sentir confusa, com medo etc. Construa com eles o significado da floresta nessas histórias (veja seção "Quer saber mais?").

4. Apresente aos alunos outras obras de Ziraldo e alguns fatos importantes de sua vida, como as profissões que ele exerceu concomitantemente à de escritor. Aproveite o fato de Ziraldo ser um grande desenhista humorístico e proponha aos alunos a elaboração de uma charge sobre ele, explorando uma de suas profissões. ■

QUE PINTO AS CORES DO ARCO-ÍRIS.



## Trabalhando a leitura

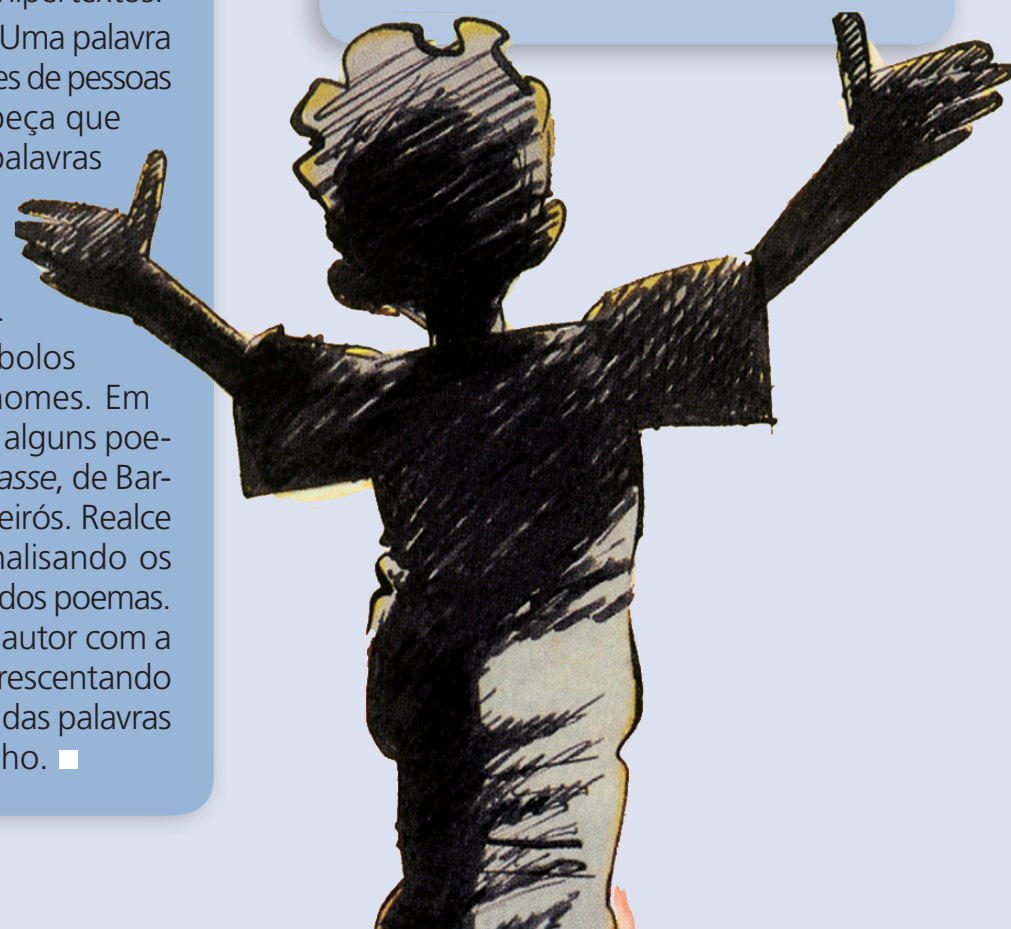
1. Explore o livro com os alunos, folheando-o. Chame a atenção deles para o projeto gráfico e a paragrafação. Primeiro aparece a história em quadrinhos; depois a imagem vai dando cada vez mais espaço para o texto verbal. Além disso, as letras diminuem de tamanho. Levante hipóteses sobre o significado desse trabalho para a construção de significado na história.
2. Leia com os alunos a página 27. Destaque o trecho “Vocês podem não acreditar, mas o menino entendeu. Entendeu que existem palavras, por exemplo, que são palavras leves de coisas pesadas e palavras pesadas de coisas leves, palavras bonitas de coisas feias e palavras feias de coisas bonitas...”. Faça com eles duas listas de palavras: uma de coisas tristes e feias (fome, miséria, abandono etc.) e outra de coisas alegres e bonitas (solidariedade, amizade, carinho etc.). Debata com os alunos o efeito dessas palavras nas atitudes das pessoas de nossa sociedade. Chame a atenção para a classe de palavra que compõe o gênero lista.
3. Traga para a sala alguns ícones e símbolos (veja seção “Quer saber mais?”), principalmente os utilizados na internet. Comente com os alunos

sobre a arbitrariedade e o processo histórico-cultural de construção de sentido desses códigos. Acrescente ao comentário a função social dessas práticas de leitura e escrita na sociedade. Leia as páginas 25 e 26 do livro e destaque o fato de o menino quadrado ter descoberto o mundo das palavras e a importância disso na vida dele. Reflita com os alunos sobre os diversos códigos que interagem simultaneamente com a escrita na atualidade, como os hipertextos.

4. Proponha a brincadeira “Uma palavra puxa outra”. Escreva nomes de pessoas da classe no quadro e peça que os alunos criem outras palavras a partir deles. Vencerá quem escrever o maior número de palavras em dois minutos. Depois, solicite que atribuam símbolos e ícones aos mesmos nomes. Em seguida, selecione e leia alguns poemas do livro *Diário de Classe*, de Bartolomeu Campos de Queirós. Realce o trabalho do autor, analisando os níveis fônico e semântico dos poemas. Compare os poemas do autor com a brincadeira realizada, acrescentando a descoberta do mundo das palavras pelo menino quadrado. ■

**Luciana**  
lia na Lua  
recados  
de Luci e Ana,  
lembranças  
de Lina e Lana,  
e saudades  
de Luana.

Diário de classe, de Bartolomeu  
Campos de Queirós





## Explorando a leitura

TEMA: ALMANAQUE GRUD

\_\_\_\_\_ (turma e série).  
Você não desgrudará dessas histórias!

O menino quadrado adora as histórias em quadrinhos. Entre um quadrinho e outro, ele depara com seus super-heróis e amigos, construindo muitas histórias divertidas, além de penetrar mundos inimagináveis. Você também pode elaborar histórias incríveis e apresentar para a turma toda. Participe desta aventura!



### Etapa 1

Proponha aos alunos a criação de um almanaque de histórias em quadrinhos, com base no dia a dia vivido na escola. Eleja com eles os temas das histórias que constarão no almanaque (os acontecimentos mais marcantes da turma e do colégio que mereçam ser divulgados a toda a comunidade).

Apresente uma sugestão de formato de almanaque com as seções: tirinhas, passatempos, charges, histórias em quadrinhos, cartas do leitor e espaço para anúncio dos patrocinadores, na capa e contracapa.

Em seguida, divida a turma em grupos. Cada grupo ficará responsável por uma seção. As histórias em quadrinhos deverão ser elaboradas em papel A4 e não poderão ultrapassar uma lauda (1.400 toques).

Solicite ajuda de outros professores, conforme o tema das histórias escolhidas pelos alunos.

Oriente os alunos a criar a capa e a contracapa com cartolina ou outro papel com gramatura maior que a folha de papel A4, não se esquecendo do espaço para os patrocinadores do projeto.





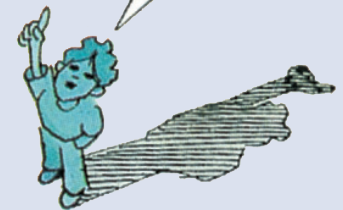
## Etapa 2

Enquanto o conteúdo do almanaque é elaborado, procure patrocinadores para o projeto. Todos aqueles que colaborarem terão seu nome ou o de sua empresa divulgados na capa e contracapa do almanaque.

Com o recurso em mãos, imprima o almanaque, tire cópias coloridas e monte os exemplares. Apresente-os na Feira Literária ou em outro evento de destaque da escola, em local apropriado. No espaço do estande, a classe poderá expor, também, capas das primeiras edições das revistas em quadrinhos no Brasil e no mundo; endereços de ban-

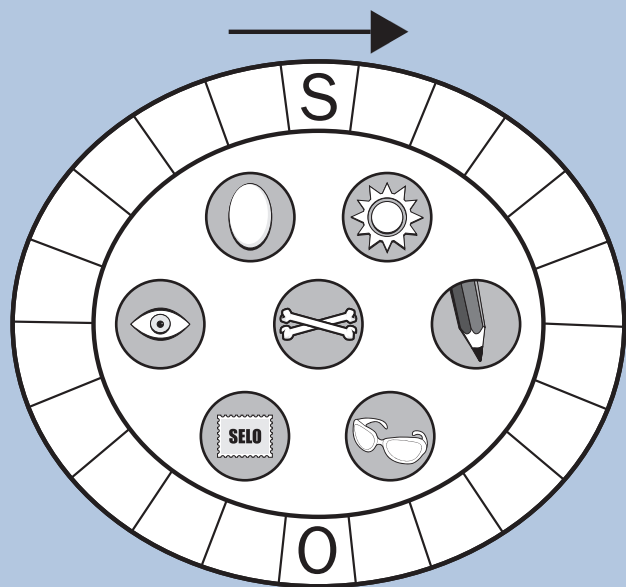
cas especializadas em quadrinhos na cidade; várias revistas e DVDs. Reserve, também, um espaço interativo (um local com mesa e cadeira) para receber os visitantes, que farão a seção passatempo do almanaque em tempo real. Essa seção estará aberta durante todo o evento com o objetivo de desafiar os participantes. Aqueles que resolverem os desafios num espaço de tempo determinado pelos alunos levarão um prêmio (pirulitos, balas etc.). ■

**EI!!!  
E' VOCÊ?**

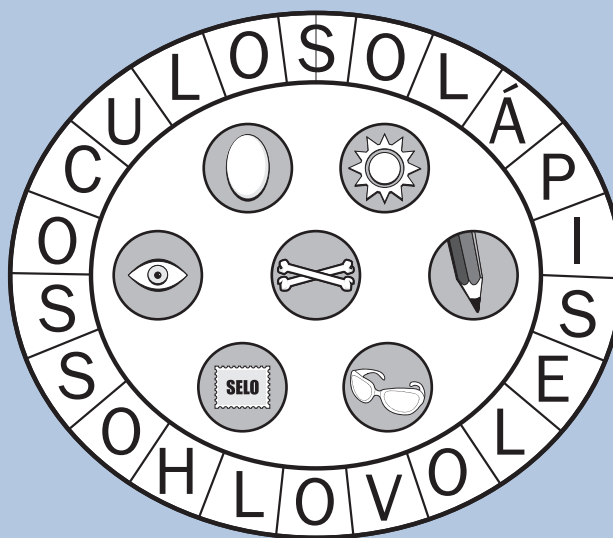


## Encaixa-LETRA-Encaixa

A turma do GRUD quer que você coloque o nome das figuras nos espaços em branco do círculo abaixo, de forma que a última letra de cada palavra coincida com a primeira da próxima. Observe o sentido da seta. (Ovo, sol, lápis, óculos, selo, olho e osso.) E aí, vai aceitar o desafio?

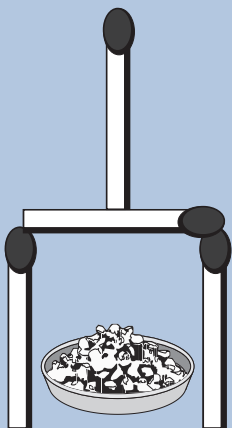


Resposta:

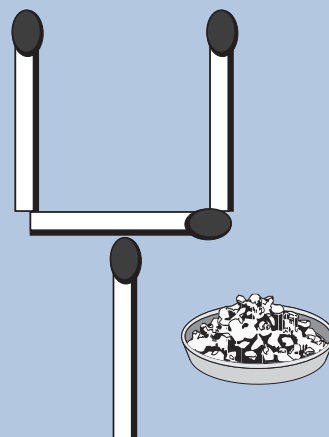


## Dê uma força para o Rabicó

Nosso amigo Rabicó, do Sítio do Picapau Amarelo, está louco para traçar a comida que está dentro da pá. Mas para isso ele precisa contar com sua ajuda. Mexendo apenas dois palitos, retire a comida da pá e presenteie o Rabicó. ■



Resposta:



## Quer saber mais?

### Quadrinhos

Os quadrinhos têm um nome em cada país. Nos Estados Unidos, são chamados *comic strips* (tiras cômicas); na França, *bandes dessinées* (bandas ou tiras desenhadas); na Itália, *fumetti*, nome que faz referência aos balões que saem da boca dos personagens indicando sua fala; na América espanhola, *historieta*; no Japão, *mangá*; em Portugal, *história aos quadrinhos*; na Espanha, *tabeó*; e no Brasil, *gibi*.

### Conto de fadas

O conto de fadas caracteriza-se por apresentar a intervenção do maravilhoso no destino do personagem ou personagens principais. Essas histórias pertencem ao gênero maravilhoso porque apresentam um elemento mágico, sobrenatural: um pássaro, uma árvore encantada etc. Nelas, as fadas encarnam o fado (destino), as forças que interferem no destino do herói, solucionando problemas e satisfazendo desejos de forma instantânea. As construções simbólicas são muito comuns nessas narrativas. A floresta, por exemplo, é frequentemente empregada como ritual de passagem para um "novo mundo", uma nova percepção.

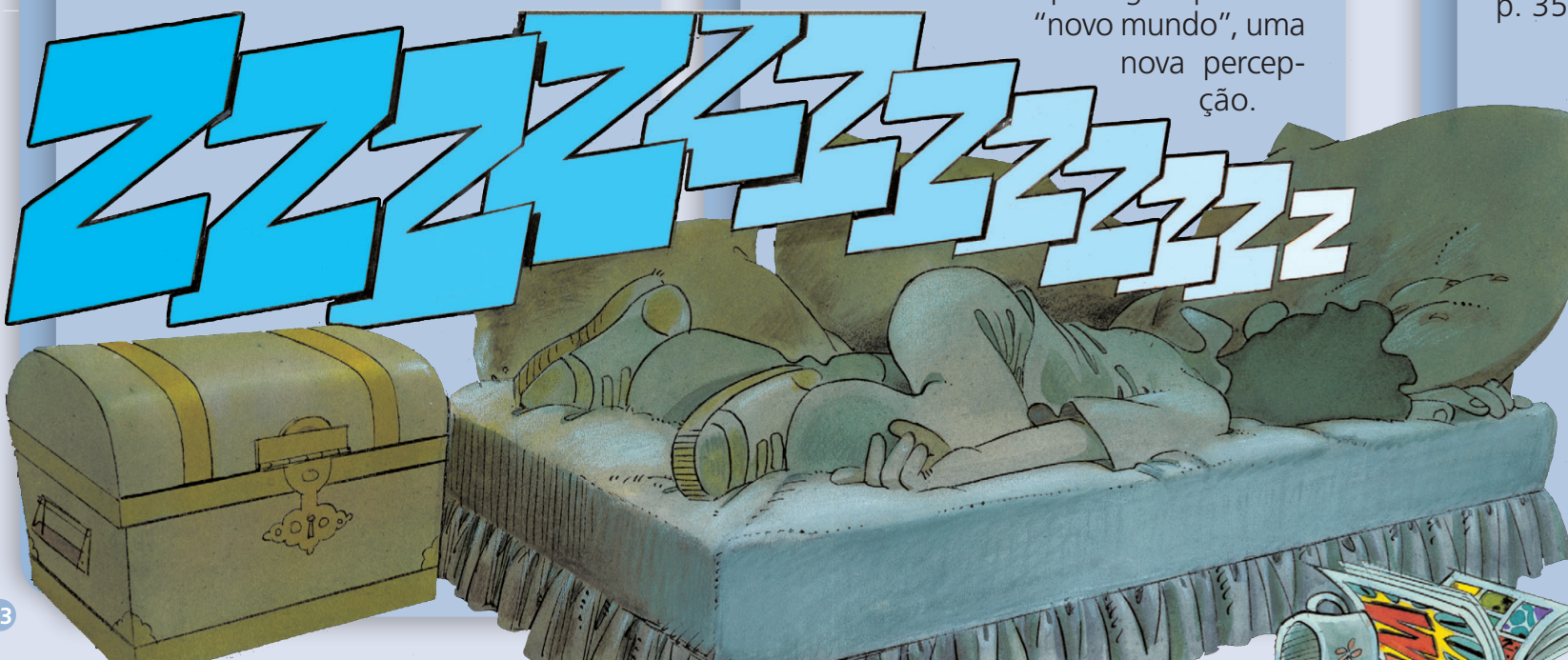
Afinal, a todo processo de crescimento está associado um enfrentamento de medos e desafios, atravessando passo a passo a "floresta negra" e desconhecida.

### Ícone

"Corresponde à classe de signos cujo significante mantém uma relação de analogia com o que representa, isto é, com seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese que represente uma árvore ou uma casa são ícones, na medida em que se 'pareçam' com uma árvore ou com uma casa" (JOLY, 1996, p. 35).

### Símbolo

"Corresponde à classe de signos que mantém uma relação de convenção com seu referente. Os símbolos clássicos, como a bandeira para o país ou a pomba para a paz, entram nessa categoria junto com a linguagem, aqui considerada como um sistema de signos convencionais" (JOLY, 1996, p. 36). ■



No *Dicionário Michaelis*, a palavra leitura (do latim medieval *lectura*) significa ação ou efeito de ler, mas também ato de olhar e tomar conhecimento da indicação de um instrumento de medição ou de quaisquer sinais que indiquem medidas ou aos quais se atribui alguma significação. O verbete “leitura” da *Enciclopédia Einaudi* assinala que o termo leitura não remete a um conceito e sim a um conjunto de práticas que regem as formas de utilização que a sociedade, particularmente através da instituição escolar, faz dele. *Leitura* é, pois, conforme acentuam Barthes e Compagnon nessa enciclopédia, uma palavra de significado vago, deslizante, que é preciso ocupar “por meio de sondagens sucessivas e diversas”, segundo os muitos fios que tecem sua trama.

Apesar do questionamento ao conceito fechado de leitura, vale refletir um pouco sobre a etimologia da palavra *ler*, do latim *legere*, que pode nos ajudar a compreender um pouco melhor essa prática. Numa primeira instância *ler* significava contar, enumerar letras; numa segunda, significava colher, e, por último, roubar. Observe-se que em sua raiz a palavra já traduz pelo menos três maneiras, não excluídas, de se fazer leitura. Na primeira, soletramos, repetimos fonemas, agrupando-os em sílabas, palavras e

frases. É o primeiro ato da leitura, o primeiro estágio, correspondente à alfabetização. Já no segundo momento, o verbo *colher* implica a ideia de algo pronto, correspondendo a uma tradicional interpretação de texto, em que se busca um sentido predeterminado. Ao leitor caberia apenas descobrir que sentido o autor quis dar a seu texto. Ele colheria o sentido como se colhe uma laranja no pé. Nesse tipo de leitura é que se busca sobretudo a mensagem do texto, seu tema. Aparentemente, o leitor não teria poder algum, a não ser o de traduzir o sentido que estaria pronto no texto. Entretanto, o texto não se apresenta ao leitor senão como uma proposta de produção de sentido, que pode ou não ser aceita. Trata-se de um pacto de leitura que constitui o que denominamos interação leitor/texto.

Há ainda uma terceira instância, correspondente ao verbo *roubar*, que traz uma ideia de subversão, de clandestinidade. Não se rouba algo com conhecimento e autorização do proprietário, logo essa leitura do texto vai se construir à revelia do autor, ou melhor, vai acrescentar ao texto outros sentidos, a partir de sinais que nele estão presentes, mesmo que o autor não tivesse consciência disso. Nesse tipo de leitura, o leitor tem mais poder e vai, como diz Umberto Eco, construir suas próprias

trilhas no texto/bosque. Considerando a ideia de leitura como transgressão, De Certeau também compara o leitor a um viajante:

*Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casa –, os leitores são viajantes; eles circulam sobre terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar.*

Como se vê, embora não tenha um sentido fixo, a palavra carrega significações que nos levam a encarar “sondagens sucessivas e diversas”. ■

(PAULINO, Graça e outros. *Tipos de Textos, Modos de Leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001, p. 11-13.)



## Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRAIT, Beth et al. *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil – Teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DELORS, Jacques. *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

LOBATO, Monteiro. *Emília e Peter Pan*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

PAULINO, Graça e outros. *Tipos de Textos, Modos de Leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PROGRAMA GESTÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR. *Língua Portuguesa – Atividades de apoio à aprendizagem*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2002.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Diário de Classe*. São Paulo: Moderna, 2004.

BUNTING, Karl-Dieter. *Timo e a Fantástica Dança das Letras*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

FEIFFER, Jules. *O Homem no Teto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EISNER, Will. *O Último Cavaleiro Andante – Uma adaptação de Dom Quixote de Miguel de Cervantes*. Trad. André Conti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GRAHAM, Bob. *Max*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

QUINO. *A Turma da Mafalda*. 46. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YANG, Gene Luen. *O Chinês Americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PINTO, ZIRALDO ALVES. *As Melhores Tiradas do Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

### Sites

[www.dcomics.com](http://www.dcomics.com)

[www.devir.pt](http://www.devir.pt)

[www.marvel.com](http://www.marvel.com)

[www.monica.com.br](http://www.monica.com.br) ■

